

# Armação pura

O sonho de viver em Búzios



# Armação pura

O sonho de viver em Búzios

**Diana Damasceno**



**1ª edição – Búzios - Brasil**  
abril de 2010



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo contido na sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

# Armação pura

O sonho de viver em Búzios

Copyright © 2010, Diana Damasceno  
Todos os direitos são reservados, no Brasil por:  
*Diana Damasceno*

## **PoD Editora**

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro  
Tel. 21 2236-0844 • [www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

Foto Celular Capa:  
*Giovanna Carvalho*

Diagramação:  
*Control C – Impressos sob Demanda*

Revisão:  
*Diana Damasceno*

Impressão e Acabamento:  
*Control C – Impressos sob Demanda*

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressão autorização da autora.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D162a

Damasceno, Diana

Armação pura: o sonho de viver em Búzios / Diana Damasceno. - Rio de Janeiro: PoD, 2010.  
132p.

ISBN 978-85-62331-30-5

1. Damasceno, Diana. 2. Jornalistas - Brasil - Biografia. 3. Armação de Búzios (RJ). I. Título.

10-1018. CDD: 923.281

CDU: 929:32(81)

8.03.10 16.03.10 017990

*Para Carlos, parceiro no livro e na vida.*



# Sumário

De Ipanema a Búzios.....	9
A horta orgânica .....	15
A igreja do fogo.....	19
O Super-Porteiro do Cine Bardot.....	23
O sabor da reserva ecológica.....	27
A casa de Psicose.....	31
Buda e Jesus na rua das pedras .....	35
Os quilombolas da Rasa.....	39
Quitutinhos da Gisele.....	43
Rugbi do balneário.....	47
O Soho na terra de Bardot.....	51
Piratania verde.....	55
A pâtissière da Rasa .....	59
O Canto da Tartaruga.....	63
Vida selvagem .....	67
Fugindo dos supermercados .....	71
Suingue no arraial.....	75
A Memória da Brigitte.....	79
Sanduba com sorriso na madrugada.....	83
Sol e frio no mesmo pacote.....	87
A melhor pescaria.....	91
A farinha do Juarez.....	95
Os pães nossos de cada dia .....	99
A Fonte.....	103
O quintal do Nelsinho.....	105
Requinte na Ferradura .....	107

O porquinho das quintas.....	109
Adoçando a vida .....	111
A torta da Creuza.....	113
O jornalista que virou chef.....	115
Boteco dos pescadores.....	117
Conclusões:.....	119
Como queimar calorias sem esforço .....	121
Degustando Búzios.....	125
Reveillon dos bacanas: o confronto.....	129



# De Ipanema a Búzios

Acordei de madrugada com o silêncio me incomodando. Era a primeira noite em Búzios, na minha nova casa. Na minha nova vida.

Tenho muitos amigos, urbanos como eu, que vivem loucos para ir, nas férias, nos finais de semana, para praias desertas, sítios no meio do mato e, na volta, reclamam do sol, dos mosquitos, que não tinha nada para fazer no lugar. Eu também sou assim, gosto dos centros urbanos e sou condicionada às facilidades e desafios contemporâneos que eles oferecem, e mais, sou uma ipanemense ferrenha, daquelas que, se puder, fica meses sem sair do bairro, faz tudo a pé, do mercado ao cinema, adora o movimento da rua Visconde de Pirajá e que, ao ler uma crônica escrita pelo jornalista Zuenir Ventura, onde ele dizia que Ipanema era a sua aldeia, sentiu-se identificada, emocionada e invejosa por não

ter escrito isso primeiro. Onde diabos, então, eu estava com a cabeça quando resolvi vir morar em Búzios?

Uma das mais fortes lendas urbanas é aquela que diz que para ter qualidade de vida você precisa de um ritmo mais lento, estar em contato com a natureza, ter uma alimentação saudável, dormir bem. O sonho de se aposentar e ir morar numa cidade pequena, então! Mas parece que essas coisas não servem para todo mundo. No meu caso, essa ideia tem um agravante: eu tenho um marido verde. Verde sim, um daqueles seres que conversa com bichos e plantas, salva espécies em extinção, denuncia agressões ambientais e que, apesar de adorar Ipanema, acredita, com a mais verdadeira convicção, que o homem tem que estar em contato direto com a terra.

Na noite de lançamento do meu último livro, Carlos, o marido-verde, passou a noite conversando com nosso amigo Gil que estava se mudando para Búzios. Resultado: no final de semana seguinte, estávamos almoçando na casa de Gil, em Búzios, comendo rúcula orgânica com filé de cação fresco. Tudo produto do balneário.

Em frente à casa do nosso amigo, havia uma outra, abandonada há mais ou menos quinze anos, à venda. Fez-se a luz. Era tudo o que nós precisávamos para dar um upgrade na nossa vida. Juntaríamos o útil ao agradável. Eu teria tempo e tranquilidade para escrever e Carlos poderia, enfim, estar em seu habitat natural.

Contatos feitos, casa comprada, lá fomos nós, atravessando quinhentos metros quadrados de mato, o

tamanho do nosso jardim, entrar na casa para ver o que queríamos fazer de reforma nela. Somos recebidos por um enxame de marimbondos, que haviam se aposado da construção durante os anos de abandono. Não dez ou vinte marimbondos, mas milhares que, ferrouaram Carlos na cabeça, no nariz, nas orelhas, a ponto de me levar a sugerir, depois, que havíamos descoberto um substituto para o botóx, pois o rosto do ecomarido, que adorou a ideia, estava lisinho, sem nenhuma ruga. Eu, pouco afeita a essas aventuras, estava covardemente protegida pelo meu receio do que haveria dentro de uma casa fechada há anos e que só havíamos visitado uma vez com o corretor, acabei ficando sem nenhuma picada. Na segunda tentativa, já com o arquiteto, carregávamos tochas que, apesar de afastarem os Mários, como Carlos chama gentilmente os marimbondos, não evitaram que eles nos pegassem alguns sobressaltos.

Planta da reforma pronta, operários de prontidão. Cadê a água? Cadê a luz? A casa fechada há tanto tempo não tinha nenhum desses recursos. Começamos a tomar as providências. Descobrimos com nossos vizinhos Gil e Luiz, que água só havia porque eles compraram a tubulação e fecharam um acordo com a fornecedora para a instalação. Sorte nossa. A casa deles era em frente, o que nos permitia uma despesa menor com canos e mão de obra. Água instalada. A luz foi outra história. Aliás, uma longa história. Fomos à empresa que distribui luz para a região e pedimos o religamento. Quinze dias depois, um caminhão parou na nossa

porta, fez um buraco no muro, colocou um relógio de medição, tirou o poste que havia, colocando um novo. No dia seguinte, voltou, retirou o poste novo, colocou o antigo, retirou o relógio e deixou um buracão no muro. Como Carlos e eu não estávamos presentes na hora, ficamos sabendo sobre esse movimento pelos operários, que nada puderam fazer para evitar. Nessa época, eu havia começado a dar aulas em uma faculdade em Cabo Frio e descobri ter uma aluna que trabalhava na tal fornecedora de energia. Lição número um: é preciso ter contatos para resolver questões básicas na Saint-Tropez brasileira. Luz ligada, mas a influência da minha aluna não foi suficiente para fechar o buraco no muro. Essa parte ficou por nossa conta.

Passadas algumas semanas, percebi que nenhuma correspondência chegava, nem mesmo as cartas. No mínimo, surpreendente. Recorri ao Luís, que já alcançara o posto de meu guru, em Búzios, pois já havia passado por muitas desde sua mudança para a cidade e se transformara num expert em questões buzianas. Cada assunto que eu levava a ele para aconselhamento, era precedido por um sorriso, um levantar de sobrancelhas e um “aqui é assim mesmo”, antes da apresentação da solução. Foi assim que descobri que não tínhamos carteiro. Como assim? Existem lugares no Brasil que não têm carteiro? Mesmo que esse lugar fique a duzentos quilômetros da cidade do Rio de Janeiro? Não faz diferença? Não temos carteiro? Eu não recebo a minha correspondência na minha casa? O que eu faço? Calmamente, como é o seu jeito hoje, depois de cinco anos

morando na cidade, Luís me responde: “Você tem que ir aos Correios e procurar a correspondência pelo seu nome, pelo nome do Carlos, em Alameda, que é o nome da rua, e em Marina, que é o nome do bairro”. Melhor ou pior, até hoje não sei, sempre com aquele sorriso de paz que invade seu rosto. Corte rápido. Eu na fila dos Correios, que se estende pela rua, pois a quantidade de pessoas não cabe no espaço destinado à agência. Chego por fim à atendente, que não é uma funcionária dos Correios e sim uma pessoa da comunidade que presta serviço. Quinze minutos depois, acho minhas contas, todas vencidas. Responsabilidade minha, claro, que não havia aprendido ainda as condições básicas para viver no balneário chique.

Nove meses depois, nove meses reais e não simbólicos, depois de superar todos os traumas que uma obra produz, comecei a arrumar minhas coisas que tinham sido guardadas no primeiro quarto a ficar pronto. Foi assim: primeiro ficou pronto um quarto, onde guardamos nossas coisas, depois a nossa suíte, para onde nos mudamos e, entre cimentos e marteladas, esperamos nem sempre pacificamente o final da obra, pois tanto eu como Carlos já tínhamos assumido compromissos profissionais na região. Então, nove meses depois, ao pegar meus sapatos para limpar e arrumar, descobri que a sola da maioria deles se desmanchava, literalmente virava farelo, por causa da umidade e da maresia. O único sapato intacto era um par social, da marca Manuela Carrera, o meu sapato de festa, o meu sapato querido, que havia me acompanhado em muitas danças,

no Rio, que havia sobrevivido à gestação da casa. Novamente, fui chorar meus desencantos com meu amigo Luís que, com seu humor zen-buziano me consolou: “menos mal, pelo menos você tem um sapato para ir à passeata gay de Búzios, é o único lugar aonde você pode ir aqui com um sapato desses”. Rapidamente, embalei meu Manuela Carrera e levei para guardar na casa do meu filho, em Ipanema. A partir daí, comecei a considerar a estética adotada por Carlos desde a mudança. Por mais social que seja o evento e a roupa, ele adota como calçado um par de sandálias havaianas.

Dizem que todos nós levamos um tempo para nos adaptar a um novo estilo de vida porque precisamos parar para perceber o ritmo, os costumes do lugar. Parece ser verdade, porque depois que me tornei uma moradora de Búzios, superando minhas dificuldades pessoais para abandonar o ritmo frenético a que estava acostumada, descobri coisas únicas, especiais, inescrutáveis, sem um olhar de nativa, mas, pelo menos, com um olhar de moradora, mas, como não poderia deixar de ser, uma moradora-jornalista-ipanemense em sua essência.

# A horta orgânica

Também foi o Luís, amigo de todas as horas buzianas, quem nos apresentou ao seu Carlinhos.

Naquele primeiro almoço onde, posso dizer, o encantamento começou, ele e Gil serviram o tal cação fresco com rúcula orgânica. Já vizinha dos rapazes, fui apurar onde compravam a rúcula com sabor único, jamais experimentado antes. “No seu Carlinhos”, disse o Luís, “amanhã te levo lá”. No dia seguinte, lá fomos nós a um lugar que, apesar de ser apenas do outro lado da pista da nossa casa, envolve um certo espírito Paris-Dakar, pois o caminho fez a nossa Ranger testar sua potência e amortecedores, sem falar nos trechos em que a passagem é praticamente fechada por galhos das árvores. Sabe um filme infanto-juvenil *O jardim secreto*, onde duas crianças depois de passar por um terreno morto, com vegetação seca, chegam a um jardim que é um paraíso? Pois é, foi essa a sensação que eu tive ao chegar, finalmente, à plantação do seu Carlinhos. Tudo dividido em canteiros caprichados: rúcula, alface crespa, radichio,

hortelã, manjericão, salsa, cebolinha, coentro, berinjela e mais, muito mais verduras e legumes, sem agrotóxico, para delírio do Carlos. No lado esquerdo da horta, uma casinha de madeira, sem porta, com uma mesinha, uma cadeira, um fogareiro e uma caminha de campanha. Luís chamou por seu Carlinhos e, sem resposta, depois de diversas tentativas, falou, com um ar desolado, mas decidido: “vamos pegar o que precisamos e depois pagamos para ele”. Sem tempo para rebater a sugestão, vi meu amigo sair colhendo rúculas, alfaces e salsinhas, voltando em seguida todo feliz e, claro, rindo da minha cara de espanto. Naquela época, era inconcebível para mim uma atitude dessas. Entrar no terreno de alguém, pegar coisas da sua plantação e simplesmente sair, sem falar nada? Como ele ia saber quem pegou? Ele não ficaria zangado? Quanto custava? Quando voltaríamos para pagar? Não era melhor esperar um pouco? Ignorando solenemente minhas perguntas, Luís entrou no carro e fomos embora debaixo dos meus protestos. Você há de convir que se fizemos algo parecido em qualquer cidade grande, no mínimo vamos ser revistados, alarmes tocarão, sei lá. Está certo, centros urbanos não tem horta, mas experiente pegar alguma coisa de alguém sem autorização da pessoa, com certeza, vai ser um deus nos acuda, uma invasão de privacidade, ou qualquer outro desses argumentos politicamente corretos ligados à individualidade e às relações nas convivências sócio-político-econômicas. De qualquer forma, não me restou muita alternativa, lá fui eu, no banco do carona, carregada de folhas, na minha cabeça, roubadas.



Dias depois, Luís me chama no portão (isso é comum por aqui) e me convida para nova excursão à horta do seu Carlinhos. Finalmente, o personagem tão ímpar quanto sua rúcula, seu Carlinhos, nos foi apresentado. Quase setenta anos, forte, loucamente apaixonado pelas suas plantações, um conversador nato, cheio de histórias para contar.

É claro que a jornalista aqui sou eu, mas quando se trata de um bom dedo de prosa sobre assuntos ligados à natureza, vida saudável e afins, não tem para ninguém, Carlos sai na frente. Assim, deu-se a comunhão perfeita, os dois Carlos - o marido e o plantador - tornaram-se amigos desde criancinha, o que me levou a conhecer um pouco sobre a vida desse ex-peão-boiadeiro da fazenda de Roberto Marinho, em São Pedro da Aldeia, que veio para Búzios há vinte anos com a família. Um proprietário de terras na Marina de Búzios cedeu a seu Carlinhos alguns terrenos para que cuidasse e evitasse invasões. A partir daí, ele desenvolveu a maior horta de produtos orgânicos da região. Hoje, não consegue atender a todos os clientes, de pessoas como nós, que pegam meia dúzia de produtos, aos mais estrelados restaurantes do Balneário que, durante a alta temporada querem a produção toda e nos fazem recorrer à amizade para conseguir uma mísera folhinha. Isso porque criou um padrão de qualidade particular, onde, segundo ele, não entram venenos, as sementes selecionadas são rastreadas pelos próprios clientes em diversos lugares do mundo, cada uma delas deve ser plantada em tal estação e em tal lua, mo-

lhada em determinado horário e não há ajudantes por não gostarem de seguir suas normas. Por isso trabalha sozinho, descansa na casinha de madeira, onde tem paz e sossego, e só vai para a casa, onde moram mulher, filhos e netos, à noite. Recentemente, a horta de seu Carlinhos virou matéria do canal de TV italiano RAI. Apesar disso, ainda é um inferno, principalmente quando chove, chegar ao paraíso orgânico.

Luís pagou as folhas que roubamos, sob o olhar compreensivo de seu Carlinhos.

# A igreja do fogo

Minha amiga Ana é dona de um hotel em Búzios. Com isso, ela está sempre procurando lugares novos para levar os hóspedes a passeio, fora do circuitão Rua das Pedras, Ossos, Geribá.

Um dia, ela chegou em minha casa com aquele olhar de quem tinha aprontado algo. “Você vai adorar o que eu descobri, vou te levar lá agora, você precisa ver, só você pode me dizer o que é aquilo”, foi dizendo toda eufórica. “Aquilo”, segundo ela, era um lugar no alto de um morro no bairro da Rasa, o morro do Humaitá, de onde se pode ver um dos cenários mais fantásticos de Búzios: de um lado as praias Rasa e Gorda e do outro a praia de Mangueinhos. Com minha natural curiosidade jornalística lá fui eu apurar “aquilo”. Íamos por uma estradinha íngreme enquanto eu pensava que meus amigos certamente começavam a acreditar que eu adorava esse tipo de aventura, mas no caso da Ana, que morava há quase dez anos no arraial, famosa por ser inque-

ta e fuçar tudo, deveria valer à pena estar mais uma vez num cenário "árido movie". No alto do morro, com penhascos à volta, paramos. Em frente ao carro, uma cerca de arame farpado nos separava de uma propriedade em declive que, de onde estávamos, não dava para prever nada. Claro, levantamos o arame farpado e entramos. Tem cachorro? O que é esse lugar? Começamos a descer por uma trilha no meio da vegetação nativa que nos levou a uma construção bastante original. Havia uma casa maior, tipo galpão, com pequenas construções de um lado, com várias portas, parecendo quartos. Na casa maior, que chamei de casa-sede, todas as janelas eram de rodas de carroças, lembrando antigas construções mórmon. Uma espiadinha pela fresta de uma das janelas revelou uma grande mesa, coberta por uma toalha de renda branca, com um arranjo de flores e um grande livro. Continuando nossa investigação pelo terreno, nos deparamos com um círculo de cimento com um enorme, enorme mesmo, tacho de cobre. Não precisava ser muito esperto para perceber que nós estávamos invadindo o lugar sagrado de um determinado grupo que elegeu a paz e o isolamento da região para realizar seus rituais. Hora de ir embora, certo? Mas com uma pulga cheia de perguntas beliscando sem parar. Descendo pela estrada encontramos um rapaz que parecia morar na região. Paramos o carro e eu perguntei se ele sabia o que era aquela propriedade. "Aquele é a igreja do fogo, de vez em quando, nos sábados de manhã, chega um bando de carrões que

fica lá até o domingo. Ninguém sabe o que eles fazem lá, porque ninguém pode entrar, mas uma coisa é certa, coisa boa não é. Onde já se viu uma igreja ser do fogo?”, contou ele. Claro que Ana e eu começamos a especular. Aquele tacho deveria ser para acender o fogo, nova versão dos templários, sociedade secreta em Búzios? Muito estranho e instigante. Eu precisava saber.

Voltei à igreja do fogo dois sábados seguidos pela manhã e nada, ninguém. Tudo deserto como na minha primeira visita. Perguntei para pessoas que conhecia na cidade sobre a existência da igreja. Nunca tinham ouvido falar. Um dia, jantando em casa de amigos, comentei sobre o lugar e a cozinheira deles, ouvindo, me disse: “a senhora não deve ir lá, eu nasci aqui e desde criança ouvi histórias horrorosas sobre aquilo. A gente aqui nem chama aquilo de igreja”. Quanto mistério! Fiquei imaginando a quantidade de histórias criadas pelo povo sobre a igreja, ou não, porque o que eu percebera, na verdade, era uma reserva, quase um receio de falar sobre o assunto.

Meu filho chegou no final de semana seguinte e, assim que mencionei a igreja do fogo, ele logo ficou interessado. Subimos a estradinha íngreme ao final da tarde de sábado. Mais uma vez, tudo deserto. Paramos no alto do morro, próximos do arame farpado e, desta vez, havia algo diferente. O sol estava se pondo no mar e o céu estava todo vermelho. Extasiada, descobri que estava realmente na igreja do fogo, onde a comunhão perfeita entre homem e natureza acontece de forma rara, em determi-

nados momentos, em alguns lugares do mundo. O entardecer no topo do morro do Humaitá, em Búzios, é um deles.